



**“Entre os vãos da realidade” ou...  
...a espiritualidade quântica na arte sequencial  
dos quadrinhos.**

**Gazy Andraus**

<http://lattes.cnpq.br/0256950026952623>

**Condensando-se...**

A realidade quântica e a ciência cognitiva atual para uma nova visão de paradigma (no caso, as Histórias em Quadrinhos ou HQ) como objetos inerentes de explicação e complementação da completude para uma inteligência sistêmica do ser humano. Com referenciais aos quadrinhos, mas também às ciências cognitiva e quântica este ensaio sintetiza o mote do título.

**Micro-macro espargimento...**

Há uma realidade que subjaz ao cotidiano, e em que na verdade, o sustenta e lhe permite existir. Essa outra realidade é microcós mica e se coloca como quântica, devido aos estudos atuais da ciência. Esta mesma ciência que deslindou os quanta tornou possível, graças a esse conhecimento, desenvolver melhor os estudos científicos relativos à cognição, percebendo melhor as funções do cérebro e da mente (ANDRAUS, 2006). Com isso, a cisão cartesiana reducionista, principalmente no que concerne à ciência e arte, começou a ruir com o afloramento de uma percepção diferenciada da realidade, em que tanto uma como outra não podem faltar: ciência e arte são unidas, como os hemisférios cerebrais esquerdo (racional) e direito (criativo). As histórias em quadrinhos fazem parte dessa realidade artístico/comunicacional/científica, e imprescindíveis ontologicamente, pois acompanham o processo cultural humano desde seus primórdios, impulsionadas pelas tecnologias que possibilitaram a sua reprodução. E graças à tomografia computadorizada, já se sabe que as imagens são lidas como informação imagética mais pelo hemisfério direito do cérebro, enquanto os fonemas pelo esquerdo. O ensino tradicional, porém, se apoia na física clássica, linear e fragmentada, vulga objetiva, com base na informação escrita científica, estimulando, portanto, o hemisfério esquerdo, em detrimento ao direito, tido como subjetivo, ignorando as informações intersubjetivas, como os desenhos.

Fritjof Capra já havia contestado a objetividade de tal premissa e do ser humano (CAPRA, 1990).

Os quadrinhos - uma arte que atualmente é reconhecida (ANDRAUS, 2020) - nasceram com o olhar, e residem primevos em nossa *bandas desenhadas* (Portugal), os *fumetti* (Itália), *comics* (EUA) mangás (Japão), sendo todos a mesma e única coisa, com vários nomes, mas vêm de uma mesma origem, sendo a primeira das manifestações, pois que ao desejarmos, criamos, e assim grafamos sinais (mental e/ou registrando fisicamente) elaborando os desenhos simplificados, as escritas, para expressar uma manifestação comunicacional complexa. (ANDRAUS, dez. 2020, p. 15)

Considerando tais pressupostos, demonstra-se aqui a importância e necessidade ontológica das histórias em quadrinhos (HQ) como uma linguagem de expressão informacional, uma narrativa artística sequenciada (McCloud, 1995) que pode auxiliar nesta mudança paradigmática, principalmente ao serem apresentados tais referenciais teóricos que auxiliam na comprovação da veracidade e autenticidade do valor comunicacional, cultural e educacional da linguagem quadrinhística. Isto se torna factível, pois demonstra-se aqui como os quadrinhos podem servir de auxílio diferenciado e sistêmico na educação, em especial, universitária, para um novo paradigma em que emergem novos conceitos imbricados entre teorias ocidentais com ramificações filosóficas orientais, como os koans zen-budistas, que primam por construções racionais de frases-enigmas que devem ser respondidas com um “salto” intuitivo da mente (ANDRAUS, 1999).

As áreas das artes, como os poemas hai-kais e as HQs poéticas condensadas servem a esse propósito, visto suas estruturas que incentivam áreas cerebrais do hemisfério direito (canal que coliga quanticamente a inteligência humana ao conhecimento cósmico), sendo por isso importantes para o desenvolvimento sistêmico do homem e sua vida na Terra, pois tais quadrinhos fazem a mente “saltar” (como os vãos entre os quadrinhos que separam as sequências), ao serem lidos/vistos, já que as estruturas narrativas deles se distinguem das com roteiro padrão linear (figs. 1 e 2).



**Figs. 1 e 2:** HQ poética de G. Andraus. **Fonte:** do autor.

A realidade quântica é fato e as histórias em quadrinhos, por possuírem imagens sequenciadas juntas em uma mesma área permitem que os olhos do leitor analisem a página, com o foco principal se estabilizando em determinado quadrinho enquanto a visão periférica varre os outros quadros (anteriores e posteriores) de forma subliminar.

A diagramação de uma história em quadrinhos, então, é quântica tal qual um elétron, que pode se portar como onda ou corpúsculo, e sua posição é probabilística, nunca exata. Irá depender do *momentum* eleito pelo pesquisador, que usa sua mente para a escolha: o objetivo deflagrado pelo subjetivo.

Nas histórias em quadrinhos cada cena, cada quadrinho é “parte” de um todo, de um sistema, mas que, não estando desenhado, pede ao leitor para completá-lo mental e intuitivamente, sem que ele mesmo possa ter plena consciência disso, como na gestalt (ANDRAUS, 1999)! Enquanto o olhar do leitor focaliza determinada cena, as outras (anteriores e posteriores à leitura), estão sendo visualizadas de forma menos nítida. Porém, seu cérebro abarca todos os detalhes, numa visualização sistêmica, em que o subliminar informa também. De certa maneira, o leitor visualiza na página, passado, presente e futuro, ao mesmo tempo (figs. 3 e 4).



**Fig. 3:** Página de uma HQ enquanto pode ser lida ao mesmo tempo. **Fonte:** CLAREMONT, Chris; BYRNE, John. “Demônio”. X-Men. *In* Superaventuras Marvel. 42, p. 23. São Paulo: Abril, 08/12/1985.

Cada quadrinho é como uma micropartícula atômica: um elétron, nêutron ou próton. O “pesquisador” é o leitor, que elege o *momentum* para decidir se a partícula “aparecerá” ou não. A que for eleita, de uma possibilidade existencial, aflora como corpúsculo, inundando de informação pan-imagética a mente dual (esquerda/direita) do leitor.

Mas se os olhos do “pesquisador” resolverem se afastar da cena eleita e abarcar a página inteira, a “partícula”, a cena, se torna não mais material e sim uma probabilidade ondulatória, junto das demais, espargindo-se em energia quântica. A mente do leitor-pesquisador irá, então, abarcar a possibilidade ampliada, sistêmica.

Então, quando o olhar se dirige ao objeto (no caso, um quadrinho dentre os outros da página), é como se houvesse apenas aquele “objeto”, dentre as possibilidades múltiplas.

Analogia similar retrata o filme *Quem somos nós* (2004). Um garoto dentro da quadra de basquete explica as possibilidades infinitas, defendidas pela física quântica. Em um primeiro instante, enquanto a fotógrafa que conversa com ele observa o interior da quadra, ela vê uma bola (um corpúsculo, uma possibilidade materializada). Mas, ao redirecionar seu olhar para fora, a cena mostra inúmeras bolas, como possibilidades realizáveis (fig.s 4 e 5). A analogia explica a situação das micropartículas, e como se portam, bem como a situação relacional com o pesquisador e sua mente.

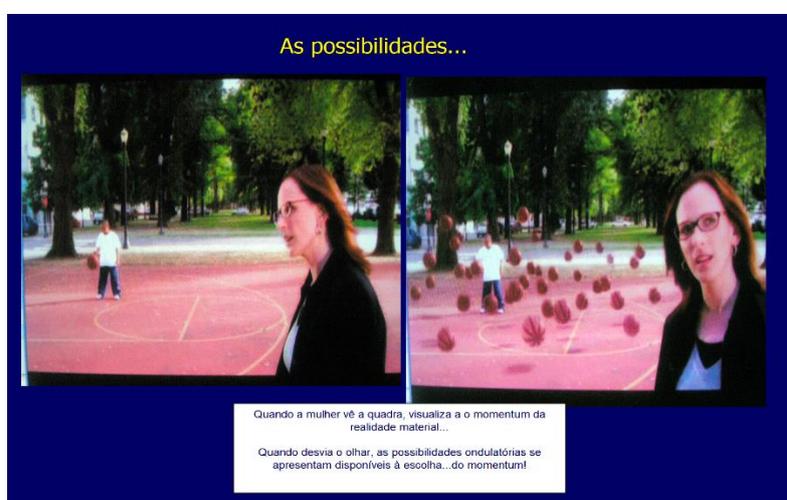
Assim, um quadrinho é como a partícula, como a bola de basquete: quando o leitor direciona o olhar, ele a focaliza. Mas, quando ele se afasta, vê outras bolas, outras possibilidades, como outros quadrinhos, que em uníssono, formam um todo complexo, plausível e realizável. Talvez toda essa epopeia humana e suas artes expressadas (coadunadas à física dos quanta) possa estar atrelada a uma ampliação mental/visual atinente à vida humana, em relação direta ao que se poderia talvez chamar de espiritualidade quântica, conforme alude o físico Amit Goswami! Tudo que o humano cria em sua existência pode, então, ter um objetivo implícito nesta valoração da matéria (partícula) a que se aperceba de uma outra contraparte em sua existência (a energia).

E ambas, matéria e energia, respectivamente seriam corpúsculo e onda, e a vida existencial corpórea na Terra seria o equivalente à partícula presencial humana em que, ao morrer, se reconduzisse como uma possibilidade quântica de onda, que seria a alma do ser humano quando este “morre”, conforme esclareceu Goswami (2005).

Cada quadrinho é como uma micropartícula atômica: um elétron, nêutron ou próton. O “pesquisador” é o leitor, que elege o *momentum* para decidir se a partícula “aparecerá” ou não. A que for eleita, de uma possibilidade existencial, aflora como corpúsculo, inundando de informação pan-imagética a mente dual (esquerda/direita) do leitor. Mas se os olhos do “pesquisador” resolverem se afastar da cena eleita e abarcar a página inteira, a “partícula”, a cena, se torna não mais material e sim uma probabilidade ondulatória, junto das demais, espargindo-se em energia quântica. A mente do leitor-pesquisador irá, então, abarcar a possibilidade ampliada, sistêmica. Então, quando o olhar se dirige ao objeto (no caso, um quadrinho dentre os outros da página), é como se houvesse apenas aquele “objeto”, dentre as possibilidades múltiplas. Analogia similar retrata o filme *Quem somos nós* (2004). Um garoto dentro da quadra de basquete explica as possibilidades infinitas, defendidas pela física quântica. Em um primeiro instante, enquanto a fotógrafa que conversa com ele observa o interior da quadra, ela vê uma bola (um corpúsculo, uma possibilidade materializada). Mas, ao redirecionar seu olhar para fora, a cena mostra inúmeras bolas, como possibilidades realizáveis (fig.s 4 e 5). A analogia explica a situação das micropartículas, e como se portam, bem como a situação relacional com o pesquisador e sua mente. Assim, um quadrinho é como a partícula, como a bola de basquete: quando o leitor direciona o olhar, ele a focaliza. Mas, quando ele se afasta, vê outras bolas, outras possibilidades, como outros quadrinhos, que em uníssono, formam um todo complexo, plausível e realizável. Talvez toda essa epopeia humana e suas artes

expressadas (coadunadas à física dos quanta) possa estar atrelada a uma ampliação mental/visual atinente à vida humana, em relação direta ao que poderia talvez chamar de espiritualidade quântica, conforme alude o físico Amit Goswami! Tudo que o humano cria em sua existência pode, então, ter um objetivo implícito nesta valorização da matéria (partícula) a que se aperceba de uma outra contraparte em sua existência (a energia).

E ambas, matéria e energia, respectivamente seriam corpúsculo e onda, e a vida existencial corpórea na Terra seria o equivalente à partícula presencial humana em que, ao morrer, se reconduzisse como uma possibilidade quântica de onda, que seria a alma do ser humano quando este “morre”, conforme esclareceu Goswami (2005).



**Figs. 4 e 5:** cenas do filme “Quem somos nós”. **Fonte:** QUEM somos nós, 2004.

### **Condensação, a-final!**

Este ensaio tenta, com tais pressupostos e referenciais, demonstrar que nas histórias em quadrinhos (HQs) há uma espécie de subgênero, que seriam as HQs poéticas, e que estas, em seus “vãos” entre os quadrinhos, metaforizam a realidade existencial quântica reacendendo no leitor uma reflexão fantástico-filosófica imagética auxiliando a que sua mente dê “saltos”, tal qual uma micropartícula que, a depender do sujeito-pesquisador, pode se condensar em matéria, ou espargir-se em possibilidades na existência...e o leitor, ao ler/ver os quadrinhos sequenciados e as páginas, também pode ter sua imaginação dando tais “saltos” ao criar mentalmente as cenas não desenhadas da HQ, mas que pululam como onda a pairar materialmente nas que foram desenhadas nas páginas, conforme a mente do autor da história elegera a que se concretizassem os desenhos! Ao mesmo tempo, toda esta possibilidade se encerra numa metáfora da própria

existência, em que a possibilidade da existência humana se encerra material e ondulatoriamente, “Entre os vãos da realidade” ou...  
...a espiritualidade quântica na arte sequencial dos quadrinhos.

### **Referenciais que pululam**

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/pt-br.php> Acesso em 05/03/2009.

ANDRAUS, Gazy. **Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)**. São Paulo: UNESP, 1999. Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod\\_mono=15/>](http://www.guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod_mono=15/>) Acesso em 05/03/2009.

ANDRAUS, Gazy. **O Estatuto das Belas-Artes nos quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

ANDRAUS, Gazy. O Olhar Quadrinhístico. Revista acadêmica eletrônica **Imaginário!**, publicação do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games (GPHQG) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. UFPB, João Pessoa: Marca de Fantasia, N. 19. dezembro/2020. p. 08-24. ISSN 2237-6933. Acesso em: <http://bit.ly/imaginario19>

CAPRA, Fritjof. **O Tao da física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental**. São Paulo: Cultrix, 1990. GOSWAMI, Amit. **A física da alma**. São Paulo: Aleph, 2005.

McCloud, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

**QUEM somos nós**. ARNTZ, William; CHASSE, Betsy. EUA, Playarte Home Vídeo, 2004.